

**A ATUAÇÃO DE FÍSICOS JUDEUS EM ARAGÃO: TROCAS EPISTOLARES E A CIRCULAÇÃO DE SABERES E
OBRAS MÉDICAS**

**THE WORK OF JEWISH PHYSICISTS IN ARAGON: EPISTOLARY EXCHANGES AND THE CIRCULATION OF KNOWLEDGE
AND MEDICAL WORKS**

Maria Dailza da Conceição Fagundes*
maria.fagundes@ueg.br

Cleusa Teixeira de Sousa**
cleotsou@gmail.com

RESUMO: No reino de Aragão, entre os séculos XIII e XIV, especificamente durante o reinado de Jaime II (1291-1327), predominava a valorização da medicina científica. E, neste contexto, prevalecia a busca por profissionais do campo médico, não somente aqueles com formação universitária, mas também os práticos. Assim, o monarca recorria aos físicos judeus instalados em seu reino para cuidarem de sua saúde e de sua família e integrarem a equipe médica que o acompanhava em momentos de campanhas militares. Considerando a perspectiva das histórias conectadas, as epístolas, mormente redigidas em latim, idioma utilizado na correspondência oficial da Coroa, e também em catalão, assumem um papel direto na circulação de informações em Aragão. Neste artigo, partindo-se do estudo de cartas da Cancilleria real, selecionamos missivas relacionadas aos físicos judeus, para apresentar e discutir a difusão de informações e saberes, bem como o interesse de Jaime II por livros de medicina e o deslocamento de profissionais da saúde para atenderem a família real.

PALAVRAS-CHAVE: Judeus; Medicina; Cartas; Circulação, Reino de Aragão.

ABSTRACT: In the Kingdom of Aragon, between the 13th and 14th centuries, specifically during the reign of James II (1291-1327), the value of scientific medicine predominated. And in this context, the search for professionals in the medical field prevailed, not only those with university training, but also the practical ones. Thus, the monarch turned to the Jewish physicists who settled in his kingdom to look after his health and that of his family and to be part of the medical team that accompanied him on military campaigns. From the perspective of connected histories, epistles, mainly written in Latin, the language used in the Crown's official correspondence, and also in Catalan, play a direct role in the circulation of information in Aragon. In this article, based on the study of letters from the royal Cancilleria, we have selected missives relating to Jewish physicists, in order to present and discuss the dissemination of information and knowledge, as well as James II's interest in medical books and the deployment of health professionals to attend to the royal family.

KEYWORDS: Jews; Medicine; Letters; Circulation, Kingdom of Aragon.

Introdução

* Doutora em história pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente no Curso de História e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP) da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

** Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG) com estágio na Universidade de Coimbra – Portugal (FLUC). Professora de História da Secretaria de Educação do Estado de Goiás (SEE-GO).

Neste artigo, a proposta centra-se no estudo sobre a circulação de informações no reino de Aragão, tendo como eixo norteador a análise de cartas que, considerando a perspectiva da história conectada, exercem um papel direto como meio de comunicação. No reinado de Jaime II (1291-1327), predominou o processo de valorização da medicina, com a circulação de obras médicas, saberes, notícias e a mobilidade de profissionais da saúde. Assim, esse texto examina o papel das epístolas no Reino de Aragão em relação à circulação de informações no âmbito de questões atinentes ao campo da medicina com base em três focos principais relacionados aos judeus: a atuação de físicos¹ pertencentes às comunidades judaicas nos cuidados com a saúde da família real aragonesa; o conhecimento dos judeus no campo das traduções de escritos médicos; a circulação de obras médicas em Aragão.

Nessa perspectiva, selecionamos cartas que têm relação com físicos judeus e integram a *Cancilleria real* em Aragão. Essas fontes históricas, estudadas a partir da noção de circulação e de história conectada, possibilitam a compreensão de uma Idade Média ibérica marcada pelo deslocamento de pessoas, objetos, saberes e informações. Na proposta em estudo, a análise dessa tipologia de documento fornece dados para a investigação das interações diretas entre o rei Jaime II e os profissionais da saúde em seu reino, bem como outras temáticas atinentes à preocupação régia com a medicina. Jaime II, em 1318, ordenou a criação, em Barcelona, de um arquivo com a cópia de todos os documentos em séries temáticas de registros. No Arquivo da Coroa de Aragão (CAC), encontram-se as epístolas reais (n° 201 – 2600) do monarca Jaime II (1291-1327). Esse *corpus* documental engloba desde documentos administrativos, missivas familiares, contas dos tesoureiros, relações de embaixadores, contratos de casamentos de suas filhas etc. Assim, considerando esse recorte temporal, o reinado do monarca Jaime II, selecionamos, após o mapeamento das inúmeras cartas régias, as missivas relacionadas ao rei e aos judeus em seu reino.

No âmbito da História da Medicina no reino de Aragão, as cartas relacionadas ao período do reinado de Jaime II, entre os anos de 1291 e 1327, tornam-se documentos históricos relevantes que proporcionam diversas abordagens. O exame das epístolas régias, mais do que a troca de notícias, possibilita a análise dos deslocamentos de físicos na Coroa de Aragão e também a comunicação entre eles e o monarca. Essas mobilidades relatadas nas

¹ No medievo, por físico, compreendia-se os especialistas no conhecimento da *physis* (natureza) do corpo humano. Era o profissional especialista da arte de manter a saúde e também de prevenir e curar as doenças.

missivas demonstram uma integração do espaço mediterrâneo a partir da circulação de livros, saberes e profissionais do campo médico para cuidar da saúde do rei e de seus familiares (Fagundes, 2024).

É seguindo este caminho de investigação que se pode compreender as trocas epistolares e o deslocamento de físicos judeus na Coroa de Aragão durante o reinado do monarca Jaime II. O estudo das cartas possibilita a análise da mobilidade de pessoas, saberes e objetos, além de serem fontes importantes para entender a circulação de notícias no reino. O termo circulação é um importante meio para contrapor à noção de centro e periferia e sugere um fluxo aberto nos processos de construção de conhecimentos. Na perspectiva do historiador das ciências, Kapil Raj (2013), o estudo a partir do viés da circulação também é relevante para o desenvolvimento das ciências e de sua história em escala global. Em sua concepção, por ciência compreende-se a produção de saberes, práticas, serviços e técnicas. No que se refere ao termo circulação, faz-se necessário entender não apenas “[...] a ‘disseminação’, ‘transmissão’ ou ‘comunicação’ de ideias, mas os processos de encontro, poder e resistência, negociação e reconfiguração que ocorrem na interação intercultural” (Raj, 2013, p. 343).

A esse respeito, entende-se a importância de abordagens em torno das circulações e das comunicações que contribuem para criação “de uma história conectada. Dessa forma, algumas das consequências de se pensar a partir da noção de comunicação e circulação ficam claras: desenha-se uma outra expansão territorial, uma vez que se pensa em termos de redes [...]” (Cândido da Silva, 2020, p. 12).

A correspondência epistolar, enquanto meio de comunicação, é uma fonte relevante para o estudo da trajetória de vida de indivíduos como o monarca Jaime II e suas relações, sejam no âmbito familiar ou político, envolvendo as conexões com outros reinos. Ao analisar as redes sociais das elites, esse tipo de documentação fornece notícias privilegiadas acerca de relações familiares, negociações, acordos, conflitos, “favores, informações, ideias, recursos materiais, influência etc.” (Beunza; Ruiz, 2011, p. 101).

A estrutura do artigo aqui apresentado foi elaborada com o objetivo de discutir questões ligadas à comunicação e circulação numa perspectiva de história conectada na Idade Média, tendo como espaço central o reino de Aragão. Assim, centrando-se no exame da correspondência oficial da Coroa aragonesa, no recorte temporal selecionado e tendo como

objeto de mapeamento as missivas relacionadas aos judeus, dividimos o texto em duas partes: inicia-se com abordagens em torno da análise das comunidades judaicas em Aragão durante o reinado do monarca Jaime II; na segunda parte, enfatiza as trocas epistolares relacionadas aos judeus em centros urbanos aragoneses.

Comunidades judaicas e a medicina no reino de Aragão

No recorte temporal em estudo, a Coroa de Aragão, criada entre os séculos XII e XIII, era formada por territórios como o Reino de Aragão, o Principado de Catalunha, o Reino de Maiorca, o Reino de Valência, o Reino da Sicília. No século XIII, durante o reinado de Jaime I (1213-1273), de seu filho Pedro III (1273-1285) e de seus netos, Afonso II (1285-1291) e Jaime II (1291-1327), ocorreu a expansão da Coroa de Aragão com a anexação de territórios mediterrânicos (Matilla, 2006; Montalvo, 2006; Fagundes, 2004).

Destarte, a proposta deste artigo tem como foco o estudo da circulação de obras, cartas, bem como das movimentações espaciais e difusão das ideias de físicos judeus na Coroa de Aragão, especificamente durante o reinado de Jaime II, que nasceu em 1267, em Valência, e, em 1291, com o falecimento do seu irmão, o rei Afonso (1285-1291), assumiu a Coroa de Aragão e governou até 1327. A análise das missivas que integram a *Cancilleria real* fornece informações sobre os interesses de Jaime II por temáticas ligadas ao campo da Medicina. O monarca, preocupado com sua saúde, a da rainha Dona Blanca (1282-1310) e de seus filhos², contratou físicos procedentes, sobretudo, da Faculdade de Medicina de Montpellier.

Além disso, ainda demonstrando essa preocupação com questões atinentes à saúde do seu reino, Jaime II procurava ter cópias de obras médicas e exerceu um importante papel para a construção no território aragonês de um centro de saber: a fundação da Universidade de Lérida em 1300. A escolha dessa cidade aconteceu devido à sua posição geográfica, próxima de Barcelona, local onde a corte instalava-se por mais tempo. Lérida, por estar na região central de Aragão, era um lugar de fácil acesso às principais cidades do reino. Além disso, a criação dessa instituição foi possível graças aos investimentos e às negociações diplomáticas do rei, que conseguiu o apoio e a permissão do papa Bonifácio VIII (1294-1303)

² Em 01 de novembro de 1295, Jaime II casou-se com Blanca de Anjou, filha do rei Carlos II (1285-1309) de Nápoles. Em relação ao matrimônio, Jaime II e Blanca tiveram dez filhos: Jaime, D. Maria, Alfonso, Constança, Isabel, Branca, Juan, Pedro, Ramón Berenguer e Violante.

para instituir um *Studium generale* no lugar de sua preferência dentro do seu território. Em uma missiva, datada de 01 de setembro de 1300, o monarca, em Saragoça, dirigindo-se aos habitantes de Lérida, informa sobre a construção do Centro de Estudos:

Jaime, pela graça de Deus, rei de Aragão, Valência, Múrcia e conde de Barcelona, aos seus diletos e honrados homens, a toda e completa cidade de Lérida e aos presentes e futuros, saudação e graça [...] dirigimos nossas incumbências pelas quais as virtudes de quaisquer ciências que são honradas para os homens, sejam criados estudos junto a nós, principalmente para que nossos fiéis e súditos não se dirijam às nações estrangeiras para aprender, nem em outras das próprias regiões seja preciso mendigar. Portanto, com o santíssimo pai em Cristo e senhor dos senhores, papa Bonifácio VIII, por especial privilégio isto tenha ordenado a nós desejoso, concedeu a nós que, em outra cidade ou local de nossa terra, podemos fundar ou organizar o importante estudo geral, e que o mesmo estudo, depois que fosse organizado por nós, a ele contemplaria inteiramente com as mesmas graças, privilégios e indulgências que foram concedidos pela Sede Apostólica ao estudo de Tolosa, de modo que, no próprio privilégio, mais plenamente seja mantido: nós, pela zelosa obra e por mais certo plano sobre a escolha do lugar no qual o próprio estudo possa ser organizado mais apropriadamente, para a cidade de Lérida conduzimos, assim como o jardim da fertilidade e da fecundidade concluídos e a fonte das delícias firmada, como exista algum intermédio das terra e reinos nossos, e os vigilantes olhos de nossa consideração devem ser dirigidos para isto [...] (Carta Régia, 01/09/1300, p. 14-15).

Mesmo optando pelo saber acadêmico, ao contratar físicos formados em Montpellier e em outros centros de saberes para atender sua família e exercer o ofício de mestre na Universidade de Lérida, no cotidiano e, em momentos de campanha militar, Jaime II se cercava de uma equipe médica composta não somente por profissionais com formação universitária, mas também por muitos práticos como boticários, cirurgiões, barbeiros, menescais³ etc. Parte desses especialistas na arte de cura pertencia às comunidades judaicas existentes em centros urbanos do reino de Aragão.

Alguns indícios aludem à presença de judeus na Península Ibérica logo após a destruição do Segundo Templo sagrado ocasionada por Tito, em 70 d.C. No período em estudo, eram constantemente alvo de quadros de perseguições e intolerâncias, causando-lhes momentos de instabilidade quanto à sua permanência nos reinos europeus. No Medievo, esse grupo desenvolveu diversas habilidades laborais que faziam deles peças necessárias aos reinos. Os judeus eram hábeis na lida com as finanças, ágeis na fiscalização em prol da Coroa,

³ Termo utilizado no âmbito da Coroa de Aragão, no contexto em estudo, para referir-se ao profissional especialista em cuidar de animais equinos.

assessores de monarcas (também denominados de Estadistas), se destacavam no exercício da Astronomia, Astrologia, e como físicos dos reis e da corte régia e, além disso, desempenhavam atividades como ourives, sapateiros, comerciantes e tradutores. Ao viverem em constantes diásporas, conheciam e dominavam outras línguas, dadas as diversas expulsões das quais foram acometidos, a exemplo cita-se a da Inglaterra em 1290, da França em 1306. Esses deslocamentos forçados muitas vezes eram motivados por causas religiosas, com inúmeras restrições que lhes eram aplicadas, como não comer à mesa com cristão, não ocupar cargos públicos, não contratar criado cristão, dentre outros, também pela imposição do uso de símbolos que lhes distinguissem dos cristãos, como o uso da estrela de Davi costurada à roupa na altura do peito. Do mesmo modo, as dissidências advindas de seus acúmulos financeiros em espécie, ou provenientes de seus bens móveis e imóveis, lhes causavam ações de intolerância no medievo ocidental (Sousa, 2018).

Ao analisar as comunidades judaicas (aljamas) localizadas em reinos europeus, Joseph Shatzmillier (1994) ressalta que havia pelo menos a presença de um físico entre os seus membros. Na Coroa de Aragão, dentre as atividades exercidas pelos judeus, destacam-se, conforme afirma Romano (2020), três campos de atuação: funções que exigiam o conhecimento da língua árabe; medicina; finanças e administração. E, considerando as atividades que eram permitidas exercer, depois do empréstimo de dinheiro, a atuação no campo da medicina era a mais predominante entre os judeus. Como exemplo da extensa atuação na profissão médica, no século XIV, a cidade de Avignon tinha cerca de trinta e quatro judeus exercendo o ofício de físico. Assim, tinham um amplo domínio em relação aos saberes médicos e às práticas de cura. A medicina era um campo de estudo que integrava o “currículo dos jovens estudantes judeus e a sua prática era uma das profissões mais comuns desta minoria, graças à qual ultrapassaram os limites do aljama judeu para adquirir importância e influência nos tribunais muçulmanos e, mais tarde, nos cristãos” (Ferre, 2006, p. 14).

Em relação às comunidades judaicas no Reino de Aragão, sobretudo no reinado de Jaime II, observa-se que as maiores estavam localizadas nas cidades de Huesca, Calatayud, Saragoça, Barcelona e Valência. Considerando ainda que eram comunidades urbanas, destaca-se a quantidade de profissionais judeus atuando no campo da saúde nesses espaços. Por exemplo, na primeira metade do século XIV, constam registros de onze físicos judeus em Barcelona. E, em Valência, dos dez médicos atuantes, três eram de origem judaica. Assim,

ocupavam um espaço muito significativo nesta profissão e também recebiam benefícios. A esse respeito, Michael McVaugh (1993) cita o caso da aljama de Morvedre que, em 1329, tentou atrair o médico Abraham Taucll que exercia o ofício em Valência, com promessa de lhe conceder isenção vitalícia de todos os impostos cobrados à comunidade. Em contrapartida, a aljama de Valência lhe prometeu os mesmos privilégios.

Nos reinos ibéricos, os judeus exerceiram uma importante função como portadores de cultura, ocupando cargos e assumindo ofícios que requeriam saberes e alto nível de alfabetização, como a medicina. Para além da dedicação às ciências, eles atuavam no âmbito das finanças e estruturas administrativas. A minoria judaica desempenhava um relevante papel na transmissão de conhecimento da cultura clássica para espaços muçulmanos e cristãos mediante, por exemplo, a colaboração em atividades de tradução. Assim, apesar de no campo teórico haver legislação papal estabelecendo a proibição de judeus ocuparem cargos de funcionários públicos, na prática, membros de comunidades judaicas eram cortesãos, desempenhavam funções administrativas e atuavam também no âmbito da medicina (Reboiras, 2012; Ferre, 2012; Romano, 2020).

O campo de atuação dos físicos judeus não era exclusivamente para a comunidade judaica. No exercício do ofício médico, atendiam também pacientes cristãos. “O que torna isto comprehensível é a constatação de que os médicos judeus não praticavam medicina apenas no seu próprio bairro [...] eles praticavam rotineiramente também na sociedade cristã” (McVaugh, 1993, p. 57). Em Huesca, em 1311, encontravam-se quatro judeus exercendo a medicina. O físico Mosse Avinardut, em 1310, tinha uma grande reputação e prestígio no mundo cristão, recebendo uma doação anual de trigo do abade de Montearagón para serviços médicos. Além disso, foi enviado pela Rainha Blanca de Aragão para tratar da filha do senhor de Ayerbe, em Luesia. A partir de 1319, identifica-se a sua atuação a serviço do jovem infante Afonso. E, em 1322, foi nomeado médico da consorte de Afonso, Teresa.

Alazar Avinardut, filho de Mosse, graças ao ofício médico, obteve mais prestígio e conquistas que o seu pai. Ele ocupou o cargo de médico da infanta Blanca de Aragão, que era priora de Sigüenza e esteve a serviço do rei Afonso. Dentre os benefícios e recompensas alcançados, destaca-se o recebimento de 1.000 soldos anuais. Em consequência de sua atuação no campo da medicina, durante o reinado de Afonso, tornou-se o principal ministro

da coroa para cuidar de assuntos relacionados aos judeus em Aragão, contudo, sem abandonar seu papel como físico (McVaugh, 1993).

Outro aspecto a ser observado em relação à prática médica dos profissionais da saúde cristãos, judeus ou muçulmanos era a itinerância. Uma das explicações apresentadas por Garcia-Ballester (2001), na análise do caso judaico, é a existência de um grande número de judeus médicos existente nas *aljamas* das cidades. Além disso, as condições sociais ligadas às tensões antijudaicas periódicas entre a maioria cristã “tenham estimulado a itinerância entre os judeus com conhecimento médico e a possibilidade de contar com o apoio econômico proporcionado por sua prática” (Garcia, Ballester, 2001, p. 425).

Nos séculos XIII e XIV, ao contrário de outros reinos que adotavam na prática as leis e políticas discriminatórias em relação aos judeus, em Aragão, predominava relativamente uma certa tolerância com essa minoria. Nesse período, as relações e convivências com a comunidade judaica não eram marcadas pela rigidez de normas como em outros locais da Europa que impunham, por exemplo, o uso de sinal distintivo como vestes específicas para os judeus. Na concepção de Reboiras (2012), a Península Ibérica era uma região de fronteira na Cristandade que mantinha contato direto com povos de outras religiões. Em Aragão, no dia a dia, o cristão convivia com muçulmanos e judeus, pois a vida urbana demandava relações de convívio entre eles: “o judeu saía do seu bairro, que não era um gueto, para tirar água na fonte pública, comprar pão, conversar [...]” (Romano, 1982, p. 176). Assim, para o cordovês, por exemplo,

o infiel era uma pessoa de carne e osso com quem ele se encontrava todos os dias na rua e de quem podia necessitar assistência médica, de quem comprava pão ou berinjelas ou com quem tinha brincado quando era criança. Esta realidade - tão simples - não deve ser esquecida ao se propor diferentes visões da humanidade dentro de uma generalizada e hipotética cristandade ocidental (Reboiras, 2012, p. 60).

Essa concepção de tolerância não tem o sentido moderno do conceito que se refere ao respeito e à aceitação de práticas religiosas distintas da oficialmente em vigor. Diferentemente da atualidade, no contexto ibérico medieval, havia uma tolerância mais de cunho político, mas sem respeito à liberdade do outro ou consideração e assimilação às outras crenças. Na Península Ibérica, houve uma coexistência entre cristãos, judeus e muçulmanos.

Apesar dessa interação entre as comunidades dessas três religiões, prevaleceu nos reinos ibéricos a alternância entre políticas de tolerância pragmática e a perseguição religiosa. As imposições sancionadas pelo IV Concílio de Latrão de 1215 impuseram aos judeus o uso dos sinais para distingui-los dos cristãos, assim como os impeliam a residirem em bairros separados. Embora essas restrições religiosas fossem um obstáculo para os judeus atuarem junto aos cristãos nos reinos ibéricos, monarcas como Jaime II de Aragão, D. Dinis (1279-1325) de Portugal, a exemplo de outros reis, reconheciam seus atributos e faziam ouvidos moucos para as leis do direito canônico deste período, tendo em vista que usavam o discurso de que era necessário tolerá-los para batizá-los e convertê-los ao cristianismo (Reboiras, 2012; Romano, 1997; Sousa, 2012).

Assim, no final do século XIII, o reino de Aragão recebeu a entrada de muitos judeus expulsos da Gasconha, em 1288, de Anjou, em 1289, da Inglaterra em 1290. E, em 1306, houve o influxo de judeus da França quando foram desterrados pelo rei Felipe IV, o Belo. Em Aragão, especificamente nas regiões de Languedoc e da Catalunha, as comunidades judaicas já tinham criado laços sociais e intelectuais no local. Consequentemente, os judeus de Carcassone, Béziers, Narbonne e Montpellier, ao serem expulsos, deslocaram-se para o sul da França, atravessando os Pireneus em direção a Aragão. O monarca Jaime II permitiu a entrada e permanência dessas famílias judias no território aragonês:

Os relatórios sugerem que as 1.306 chegadas aumentaram em cerca de 10% a população judaica das maiores cidades catalãs - sessenta famílias estabelecidas em Barcelona, por exemplo, e dez em Lérida e Gerona - e certamente incluíram alguns médicos. Mas o influxo não teria afetado a natureza da medicina praticada: a história do intercâmbio intelectual entre o Languedoc e a Catalunha, exemplificado nas imigrações de médicos judeus do norte, mesmo antes das expulsões, assegurou uma cultura médica comum (McVaugh, 1993, p. 58).

A esse respeito, sob o reinado de Eduardo I (1239-1307), a Inglaterra, em 18 de julho de 1290, decretou o Édito de expulsão aos judeus de seu reino. Assim, deveriam deixar o reino até o primeiro dia do mês de novembro daquele ano. Tiveram pouco mais de três meses para buscarem novos caminhos. No reino francês, no início do século XIV, o rei Felipe IV também decretou a dispersão dos judeus. Essas expulsões rendiam aos monarcas o confisco dos bens dos judeus, embora grande parte deles investisse sempre mais em bens móveis por conta desses deslocamentos impostos aos quais eram submetidos de tempos em tempos, levando em consideração que essas posses podiam levar consigo mediante as diásporas forçadas. Não

obstante, em 1492, foram expulsos da Espanha pelos Reis Católicos e em 1496/97 de Portugal por D. Manuel (1495-1526) também por meio de decretos de lei. Em Portugal, em 1497, o monarca, para não perder os préstimos e empréstimos dos judeus, mandou que aqueles que quisessem partir das terras lusitanas se dirigessem para o Estaos (antigo palácio) de Lisboa, onde foram compelidos ao batismo, tornando-se cristãos-novos. Assim, puderam permanecer em Portugal até a implantação do Tribunal Inquisitorial português em 1536 no reinado de D. João III (1521-1557), salvaguardado por lei de que não poderiam ser inquiridos quanto à sua fé durante dez anos (Sousa, 2018).

Trocas epistolares e História conectada em Aragão

Pela análise das missivas relacionadas ao reinado de Jaime II, observa-se que, no final do século XIII, houve uma crescente necessidade de médicos com formação universitária para atender à família real. Ao contrário dos reinados de seu irmão, Afonso (1285-1291), e seu pai, Pedro III (1276-1285), que contava com um profissional de saúde, Arnaldo de Vilanova⁴, em caráter permanente em Barcelona e/ou Valência, Jaime II não tinha, no início de seu governo, um físico estabelecido na corte. Essa era uma preocupação não somente do monarca, mas de outros membros da elite, de comerciantes e de classes dirigentes das cidades que se interessavam pela medicina científica e requeriam médicos para cuidarem de sua saúde.

Com este processo, considerado por Shatzmillier (1994) como a medicalização da sociedade medieval, houve o aumento do número de pessoas preocupadas com a saúde e dispostas a destinar partes dos rendimentos para atendimentos médicos ou compra de medicamentos. Como exemplo, destaca-se um contrato de 1310 estabelecido entre um médico judeu chamado Isaac e um cidadão de Manosque, na França, chamado Raimundus Saunerii. Não foram identificados casos de doença existente. O acordo previa que, durante quatro anos, o físico estaria à disposição para atender Raymond e sua família caso necessitassem. Em relação à remuneração, “Raymond estava disposto a comprometer-se com um pagamento anual [...]” (Shatzmillier, 1994, p. 2).

⁴ Foi médico que atendeu a família régia aragonesa durante os reinados de Pedro III e Afonso III como físico da corte estabelecendo residência em Barcelona e Valência. Durante o reinado de Jaime II, o físico Arnaldo de Vilanova paralelamente ao ofício de físico atuava como mestre na Faculdade de Medicina em Montpellier, mas sempre que solicitado se deslocava até o reino de Aragão para atender a família real, cuidando da saúde do monarca e/ou acompanhando os partos da rainha Dona Blanca.

Em suas contribuições para a História Global da Ciência, o historiador indiano Kapil Raj (2013) aborda o processo de construção do conhecimento a partir da noção de circulação que, em sua concepção, necessita da mobilização de instrumentos e pessoas para os saberes circularem. Em sua análise acerca dos deslocamentos de pessoas, livros, conhecimentos e práticas médicas, o foco centra-se nas mudanças marcadas pelas interações e negociações entre diferentes grupos. Assim, o estudo sobre a circulação pressupõe compreender que o conhecimento se movimenta e se constitui por meio de instrumentos e pessoas que executam tal mobilidade. Essa perspectiva circulatória possibilita compreender a ciência mediante o encontro e a interação entre comunidades de diversas origens, contribuindo para a execução de uma rica abordagem metodológica, favorecendo também o estudo das práticas e saberes médicos na Península Ibérica no Medievo, envolvendo conhecimentos interculturais de físicos judeus, árabes e cristãos.

O exame das relações entre as comunidades e os reinos pode ser observado a partir da noção de circulação, seja de pessoas, notícias, saberes, objetos, etc. Nesses contatos, um aspecto se destaca e é considerado essencial: a comunicação. Partindo dessa premissa, comprehende-se que “no centro de qualquer imagem de uma Idade Média global está a comunicação: como é que as ideias, os produtos e as pessoas se movimentavam dentro e entre tradições culturais, e qual era o alcance e o volume dessas transmissões?” (Holmes; Staden, 2015, p. 106). A esse respeito, abordagens em torno da comunicação e da circulação “encontram-se para oferecer a visão de uma história conectada da Idade Média, para além das tradicionais barreiras geográficas e temporais – e, exatamente por isso, são fundamentais para pensarmos a Idade Média como História Conectada” (Cândido da Silva, 2020, p. 12).

No âmbito aragonês e considerando o recorte temporal selecionado, o reinado de Jaime II destaca-se no estudo sobre a comunicação, o papel da correspondência oficial do reino de Aragão enquanto fonte histórica e de análise da circulação de informações. As missivas, escritas em catalão e principalmente em latim, idioma utilizado na comunicação oficial, assumem um papel direto na transmissão de informações da Coroa. Esses documentos são fontes históricas riquíssimas que possibilitam o estudo da vida familiar do remetente, as relações entre os reinos, os conflitos e acordos de paz, a diplomacia e as vicissitudes cotidianas.

O processo de escrita e envio de cartas, uma prática antiga, envolve relações de sociabilidade e é uma forma de comunicação e de circulação de informação. No caso da correspondência familiar, as missivas representavam um remédio para a ausência e a saudade. Considerando a distância entre as pessoas, o uso das cartas era um mecanismo para fornecer notícias. Assim, analisar epístolas significa saber que a “história das sensibilidades procura avaliar o papel dos afetos nas condutas individuais e, em última instância, nas sociedades, abarcando desde os sentidos, as percepções e as emoções até os sentimentos e as paixões” (Braga, 2024, p. 86).

Em Valência, por exemplo, o envio de embaixadas e cartas-missivas para outras cidades de Aragão e também para outros reinos era uma prática cotidiana e essencial para manter a paz, comunicar e garantir o abastecimento de alimentos. No caso do rei Jaime II, as epístolas permitiam diminuir as distâncias, assegurar a comunicação, transmitir ordens e contribuir para que a presença do monarca fosse sentida mesmo em sua ausência naqueles lugares.

As cidades medievais, especialmente as maiores, precisavam se comunicar, superar a restrição a que suas grossas muralhas as condenavam, a fim de satisfazer suas demandas, fossem elas financeiras ou políticas, e por isso criaram uma verdadeira rede de relações diplomáticas, cujo pilar era a correspondência. Os governantes locais conseguiam ampliar sua esfera de influência usando embaixadas e cartas para trazer grãos, gado e outras mercadorias relevantes para suas portas ou para suas costas (Goméz, 2023, p. 125).

Ainda em relação à Valência, no século XIV, a cidade era um espaço reconhecido pelos médicos por possuir mercados de matérias-primas para a produção de medicamentos e contar com a presença de importantes boticários, especialistas na arte de elaborar remédios não somente simples, mas também compostos como electuarios, xaropes, unguentos, emplastos etc. (Garcia-Ballester, 2004).

Esse prestígio de Valência pode ser observado a partir da análise de missivas. Por exemplo, em 1315, quando o monarca Jaime II enviou um físico dessa cidade, Guillem Barberà, para Castela, com o objetivo de cuidar de sua filha Constança, casada com D. Juan Manuel, ficou preocupado com as notícias sobre a saúde da infanta. Nesse aspecto, observa-se a circulação de notícias, pois ressalta no início da missiva que, em 09 de janeiro [de 1315], recebeu uma carta do físico Guillem, enviada para Aragão no final de dezembro, relatando o

estado de saúde de Constança que, devido às várias enfermidades, corria perigo de morte. Considerando a situação, o monarca solicita que sua filha seja levada para Valência, pois essa cidade, na concepção dos médicos, possuía um clima melhor para o seu restabelecimento.

D. Jaime, pela graça de Deus, Rei de Aragão, etc. Ao muito nobre e muito honrado D. Juan [...] Porque parece-nos, e suplicamos-te com todo o carinho que podemos, que a infanta venha à cidade de Valência, e aí terá o benefício da terra onde nasceu e cresceu, e ainda prazer e consolo com Leonor e a jovem Violante, sua irmã, e nós e seus irmãos que a visitarão. E [há] uma aura e realização física e de todas as outras coisas medicinais, que são melhores aqui do que ali (Cartas Régias, 09/01/1315, p. 115).

Considerando o interesse do monarca Jaime II por questões ligadas à medicina, identificam-se algumas cartas que denotam o seu desejo em adquirir uma cópia da obra do físico árabe Avicena (980-1037), considerada uma das principais fontes de saberes da medicina e, portanto, integrava o conjunto de escritos em árabe ou traduzidos para o hebraico em mãos de físicos judeus ibéricos.

A análise das mobilidades na Europa medieval envolve a abordagem em torno das circulações humanas e materiais, bem como as conexões e intersecções marcadas pelas trocas de conhecimento e bens. “E o que se desloca? Livros, objetos de arte, pessoas, ideias, modelos, etc. A epistemologia deveria abarcar a ideia de mobilidade e relações transnacionais” (Tatsch, 2020, p. 8). Quando se discute as condições materiais dessa mobilidade, não significa unicamente a materialidade específica do objeto, mas envolve também os modos e contextos de circulação de diversos grupos, sem inseri-los na noção de centro e periferia ou eliminá-los como periféricos.

A respeito da circulação de obras médicas e da preocupação régia quanto aos assuntos atinentes ao campo médico, uma das missivas em análise, com data de 03 de julho de 1303 e enviada da cidade de Montalbá, informa que o monarca Jaime II autorizou o tesoureiro régio Pedro Boyl a entregar ao cirurgião Berenguer Sarriera dinheiro para a compra de um livro de Avicena. Era uma concessão cedida pelo rei para auxiliar esse profissional de saúde no exercício do ofício cirúrgico: “Ao seu fiel tesoureiro Pedro Boyl, saudações etc. Comunicamos-vos e mandamos que entregueis duzentos soldos barcelonenses do dinheiro de nossa cúria [...] ao nosso fiel cirurgião Berengário Sarriera para comprar um livro de Avicena” (Carta régia, 03/07/1303, p. 18). Seis anos depois, em outra carta, datada de 2 de junho de 1309, identifica-se novamente o interesse pelo escrito de Avicena quando o rei orientou o escrivão régio

Bernardo de Aversone sobre os procedimentos para a compra de um livro de Medicina desse médico árabe: “Determinamos que, com o dinheiro dos direitos dos sigilos em vosso poder, entregueis ao nosso fiel mestre Martinho duzentos soldos barcelonenses [...] que ele tem investido na compra de um livro de medicina de Avicena” (Carta régia, 03/07/1303, p. 20).

Os fragmentos dessas cartas, para além da circulação de obras médicas, fornecem informações sobre o interesse do monarca pelo escrito *Canon da Medicina*. Trata-se de uma enclopédia médica em que o físico árabe Avicena procurou conciliar as doutrinas de Hipócrates e Galeno com os postulados de Aristóteles. É um tratado considerado da mais alta autoridade durante séculos. Está dividido em cinco livros. O primeiro trata da anatomia, da fisiologia e da patologia. No segundo, descrevem-se, por ordem alfabética, os medicamentos simples. No terceiro, estudam-se as doenças segundo a região do corpo. O quarto trata das doenças gerais que afetam, ao mesmo tempo, várias partes do corpo, como as febres ou a varíola. O quinto Livro, chamado *Antidotário*, ocupa-se do estudo dos medicamentos compostos. Nesta obra, a higiene é explicada levando-se em consideração os diversos pontos de vista, como a idade do indivíduo (infância, idade adulta, velhice), as estações do ano e as situações particulares, como as viagens.

A minoria judaica tinha contato com fontes médicas gregas e árabes, escritas em árabe. Nesse contexto, o estudo e a prática médica, tanto para compreender-se a questão da saúde como as ferramentas para preservá-la, eram explicados a partir das teorias médicas galênicas. O conhecimento médico no período em análise tinha como embasamento teórico o galenismo árabe medieval, compreendido como o conjunto de teorias e doutrinas baseadas nos escritos galênicos que foram estruturadas pelos filósofos e físicos árabes.

Mesmo marginalizados dos centros de formação universitária⁵, os físicos judeus seguiam esse pensamento médico que era comum na época, adquirindo os saberes sobre o galenismo mediante o acesso às obras greco-árabes: “na Europa medieval predominou um monopólio doutrinal e intelectual médico (o galenismo), praticado por todos os que exerciam a medicina, sejam cristãos, judeus ou muçulmanos” (Garcia-Ballester, 2004, p. 60). Os judeus estabelecidos no mundo árabe dedicavam-se à ciência e, em relação à formação dos alunos, a medicina fazia parte dos estudos. Outro aspecto importante refere-se ao domínio do idioma

⁵ Os físicos judeus eram proibidos de cursar Medicina nas universidades, os centros de saberes, dos séculos XIII e XIV.

árabe, veículo de comunicação do saber médico, utilizado pelos judeus em uma de suas atividades: a tradução. Na concepção de Garcia-Ballester (2004), os tradutores judeus exerceram um importante papel na transmissão e conservação dos escritos das matrizes da medicina antiga. “Tanto as autoridades muçulmanas quanto as cristãs promoveram esse fenômeno de aquisição de conhecimento e dois idiomas medievais foram usados como idiomas científicos: árabe e latim” (Ferre, 2012, p. 552).

A esse respeito, o monarca Jaime II, com o objetivo de ter acesso às obras ligadas à medicina, recomendou a Bertrando Burgueti, oficial de justiça de Barcelona, sobre os procedimentos para a tradução de algumas obras de Medicina do árabe para o catalão (Fagundes, 2014). Para a realização desse trabalho, recorreu a um físico judeu do reino, demonstrando assim o domínio que eles tinham do idioma árabe e a atuação no campo das traduções:

Pelo fato de que fazemos escrever e traduzir por Vital Benvenist, judeu, do idioma árabe para a língua romana, uns livros de Medicina que nos são muito necessários, vos informamos e determinamos que, a partir da data presente em diante, dareis e entregareis a Vital dois soldos barcelonenses por dia enquanto ele traduzir os livros, onde ele estiver, sendo que o mesmo Vital ou Guilhelmo Lull vos trará, todo mês, os cadernos desses livros a serem traduzidos. Também queremos que ao supracitado Vital acima entregueis as roupas que lhe competem e que lhe concedemos graciosamente. Ainda é nossa vontade e determinamos que lhe forneçais papiro apropriado para o trabalho na quantidade necessária para esse trabalho. Uma vez que o trouxer, acolheis dele o alvará das coisas que, pela razão exposta, apresentareis para quitação (Carta Régia, 02/03/1296, p. 12-15; 20).

O idioma árabe era o principal meio de transmissão do saber médico e muitos judeus eram os principais tradutores de obras desse idioma para as línguas romanas. Por esse motivo, em 1296, o monarca preocupou-se em contratar os serviços de tradutor do judeu de Saragoça, Vital Benvenist. Ele estipulou não apenas o pagamento diário no valor de dois soldos, mas também determinou a distribuição de material, como o papiro, para a feitura do trabalho que deveria ser entregue todo mês pelo próprio tradutor ou por Guilhelmo Lull. No final da missiva, consta que um documento similar foi enviado também ao tradutor judeu.

No mundo islâmico, os médicos judeus não enfrentaram barreiras linguísticas que os separassem dos livros necessários para o exercício do ofício no campo médico. Eles tinham domínio sobre o árabe, considerado na época a língua da ciência, e que lhes proporcionava acesso às obras de autoridades médicas antigas traduzidas e também de matrizes da medicina

árabe. Os médicos judeus estavam bem integrados na comunidade científica. Como exemplo, temos uma biblioteca judaica que em 1190 foi vendida e “[...] continha trinta e três obras de Galeno traduzidas para o árabe entre as cento e duas peças inventariadas. Outras bibliotecas continham livros médicos de autores como Averróis, Avicena, Hipócrates e al-Razi (Razes)” (Shatzmiller, 1994, p. 13).

Nos reinos ibéricos, assim como em outros lugares do mundo latino, havia a circulação da literatura médica no idioma árabe, tanto de *auctoritates* antigas como árabes. Além das universidades, identifica-se também o interesse dos monarcas por esses escritos. Reis, como Jaime II, almejavam ter essas obras em suas bibliotecas, emprestá-las a seus médicos ou, ainda, presenteá-los. Nessa perspectiva, para além das traduções, comprehende-se pela análise das cartas, outra forma de relação de Jaime II com os judeus de seu reino: o empréstimo de escritos de autoridades árabes como Avicena.

Um dos físicos atuantes na corte de Jaime II foi Guillem de Béziers, que nasceu na cidade de Béziers, no reino francês, e faleceu em Montpellier em 08 de dezembro de 1322. A análise das missivas comprova a sua presença em Aragão, entre 1301 e 1305, exercendo o ofício de mestre na Universidade de Lérida, criada em 1300, mas também desempenhando os papéis de físico e embaixador do rei Jaime II. Em novembro de 1301, chegou à cidade de Lérida. Na documentação, observa-se a sua preocupação em revisar os livros utilizados na Faculdade de Medicina (Fagundes, 2024). Assim, atendendo ao pedido do mestre Béziers, Jaime II enviou oficiais para conseguirem alguns exemplares de Medicina, em árabe, pertencentes a judeus que viviam no reino.

A todos e a cada um dos estimados e fiéis oficiais aos quais as presentes chegarem, etc. Pelo fato de que, para uma revisão de livros de Medicina, Guilhelmo Guauberto de Beziers, mestre de Medicina no *Studium*, de Lérida, necessita de alguns livros de Medicina em árabe na posse de alguns judeus de nossa terra, para que os exemplares que estão naquele *Studium* sejam revisados, e nós queremos que sejam tomados em empréstimo para essa finalidade; [...] O mestre mesmo, então, restituirá aos judeus os livros arábicos depois do uso, assim como foi informado (Carta Régia, 10/09/1302, p. 13-14).

Nesse sentido, atendendo ao pedido do mestre de Lérida, Guilherme de Béziers, que desejava revisar alguns livros da universidade, Jaime II enviou oficiais para conseguirem alguns exemplares de Medicina, em árabe, pertencentes a judeus que viviam no reino. Como

mencionado anteriormente, o interesse por obras de Avicena aparece em algumas cartas em diferentes momentos de seu reinado.

Em 1304, com uma nova crise causada pela doença crônica, as hemorroidas, Jaime II comunicou-se com o físico Ermengol Blasi, que se encontrava em Montpellier atuando como mestre na Faculdade de Medicina. O motivo do contato era o convite para Blasi ocupar o cargo de físico da corte mediante um salário de 8.000 soldos. A sua contratação, por um período de dois anos, agradou ao monarca não somente por ser sobrinho de Arnaldo de Vilanova, mas igualmente porque era um físico com grandes realizações intelectuais. Blasi teve sua formação em medicina em Montpellier e, depois, passou a atuar nesse espaço de saber como mestre. Nesse período, integrou a equipe de colaboradores judeus para produzir traduções latinas de vários escritos médicos árabes. A partir de 1295, iniciou as traduções de obras breves de Maimônides (1138 – 1202), o que contribuiu para alavancar sua carreira (Fagundes, 2014). O monarca, ao saber pelo cirurgião da família real, Berenguer Sarriera, que Blasi traduziu a obra Hemorroidas de Maimônides, escreveu-lhe, solicitando o envio desse escrito e dos conselhos que pudessem ajudar no tratamento de sua enfermidade: “[...] Pelo nosso fiel cirurgião Berengário de Riaria, ficamos sabendo que vós tendes um livro que trata da cura da enfermidade das hemorroidas. [...] vos pedimos carinhosamente de nos enviar esse livro (Carta Régia, 08/12/1297, p. 12).

Além desses escritos, observa-se o interesse por obras do físico catalão Arnaldo de Vilanova. No *corpus* documental analisado, identificam-se duas missivas em latim nas quais o rei solicita o livro que Arnaldo, em 1305, em uma de suas viagens para atendê-lo, prometeu-lhe compor para cuidar de sua saúde. Na primeira missiva, de 1 de julho de 1308, vê-se que o pedido já havia sido feito em cartas anteriores: “Ao venerável homem e prudente mestre médico Arnaldo de Vilanova, dileto conselheiro e amigo [...] para que até nós a nova obra escrita por vós [...] seja enviada para a conservação da nossa saúde” (Carta Régia, 15/08/1308, p. 877-878). Em 15 de agosto de 1308, o monarca escreveu novamente, insistindo para lhe encaminhar a obra.

Ainda em relação à correspondência oficial envolvendo questões ligadas aos judeus e também no âmbito de temáticas sobre a comunicação no reino, observa-se que, durante o seu reinado, especificamente entre os anos 1309 e 1310, Jaime II realizou o cerco à cidade muçulmana de Almeria. Nessa campanha militar, como em outras expedições, havia no

acampamento uma equipe médica. A presença desses profissionais era necessária para cuidar dos feridos nas batalhas. Na organização da campanha militar, além de convocar os guerreiros, os cortesãos (escrivães, notários, camareiros, copeiros, cozinheiros etc.) que acompanhavam o rei, houve o recrutamento de três físicos, oito cirurgiões, cinco barbeiros, dois boticários, dois menescal, maqueiros e aprendizes. Dentre os físicos, destaca-se a presença do judeu de Saragoça, Azarías Abenjacob. Em uma missiva datada de 01 de outubro de 1309, durante o sítio à cidade de Almeria, o monarca Jaime II designa um juiz para atender ao recurso interposto pelo físico Azarías que, antes de ir para Almeria, contraiu um empréstimo dando diversos bens como garantia: “Ao seu fiel João da Abacia, ao jurista Cesaraugustus e aos demais. Azarias, um cidadão judeu de Saragoça, expôs diante de nós que ele próprio, sendo compelido pela necessidade, contratou empréstimo de Caticho, um judeu da mesma cidade [...]” (Carta régia Almeria, 01/10, 1309, p. 86-87).

Considerações finais

Embora os judeus tenham sido alvo de constantes quadros de restrições, perseguições, expulsões, etc., não há como olvidar que esse cenário instaurado contra eles os motivou a se dedicarem a diversos ofícios e, sobretudo, a empreenderem vasto apreço ao conhecimento científico e intelectualizado. A ação conjunta desse povo fez e faz deles peças relevantes nos cenários globais, assim como na circulação de práticas laborais, informações e exercícios de registros escritos. Visto que, mesmo em tempos mais obscuros e distantes, imperadores, monarcas e demais administradores governamentais os mantiveram na execução de ofícios importantes para o desenvolvimento econômico, político e também àqueles relativos à conservação da saúde e às medidas terapêuticas, bem como nas atividades de traduções de obras e negociações diplomáticas com governantes e representantes de outros reinos e nações. Desse modo, há que se compreender que o desenvolvimento de seus saberes práticos ou oficiais lhes garantiu lugares relevantes nos mais diversos reinos no medievo ibérico e para além dele. Ressalta-se ainda a importância do estudo acerca do papel dos físicos judeus em Aragão no contexto medieval, um aspecto pouco explorado na historiografia brasileira, sobretudo pela perspectiva das histórias conectadas. Haja vista que essa abordagem possibilita explorar a circulação de saberes médicos e culturais em um período de intenso intercâmbio entre as comunidades judaicas, muçulmanas e cristãs.

O estudo das formas de comunicação escrita, no reino de Aragão, especificamente as cartas, torna-se uma importante contribuição para o campo de investigações acerca da disseminação de mensagens no Medievo. As trocas epistolares, para além de demonstrar a circulação de informações e o recebimento de notícias, permitem, mediante a análise do conteúdo e considerando a perspectiva da história conectada, observar que nos reinos ibéricos durante a Idade Média havia trocas comerciais e mobilidade de objetos como os livros, medicamentos, alimentos e também a circulação de saberes e pessoas como os vários profissionais do campo da medicina que deslocavam entre cidades aragonesas e centros urbanos de outros reinos para atender e cuidar da saúde do monarca Jaime II e de sua família.

FONTES

CARTAS RÉGIAS – Correspondência Oficial da Coroa de Aragão. In: RUBIO y LLUCH, A. *Documents per l'Historia de la Cultura Catalana Mig-eval.* v. I. Barcelona, 1908, p. 1-57.

CARTAS RÉGIAS – Correspondência Oficial da Coroa de Aragão. In: FERRANDO, J. Ernesto Martínez. *Jaime II de Aragão: su vida familiar.* Vol. II (documentos). Barcelona: Cosejo Superior de Investigaciones Cientificas, 1948, p. 1-47.

CARTAS RÉGIAS – Almeria. In: MCVAUGH, M. R. *Arnaldi de Villanova Opera Medica Omnia.* Barcelona: Universidad de Barcelona, 1998, p. 75-128.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEUNZA, José María; RUIZ, Lara Arroyo. Redes sociales y correspondencia epistolar. Del análisis cualitativo de las relaciones personales a la reconstrucción de redes egocentradas. *REDES – Revista hispana para el análisis de redes Sociales*, v. 21, 2011, p. 98-138.

CÂNDIDO DA SILVA, Marcelo. Uma História Global antes da Globalização? Circulação e espaços conectados na Idade Média. *Revista de História*, n. 179, p. 1-19, 2020.

FAGUNDES, Maria Dailza da Conceição. Trocas epistolares e saberes médicos: a circulação de físicos e os cuidados com a saúde da família real na Coroa de Aragão (Séculos XIII – XIV). *Anos 90*, Porto Alegre, v. 31, 2024, p. 1-17.

FAGUNDES, Maria Dailza da Conceição. *Saber médico e poder: as relações entre Arnaldo de Vilanova e a coroa aragonesa (séculos XIII-XIV).* 2014. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

FERRE, Lola. Introducción. In: *Maimônides: obras médicas I.* Cordoba: Ed. El Almendro, 2006.

FERRE, Lola. The Jewish Contribution to the Transmission of the Classical Legacy. *European Review*, v. 20, n. 4, 2012, p. 552-562.

GARCIA-BALLESTER, Luís. *La búsqueda de la salud: sanadores y enfermos en la España medieval.* Barcelona: Ediciones Península, 2001.

GARCIA-BALLESTER, Luís. *Artifex Factivus Sanitatis: saberes y ejercicio professional de la medicina em la Europa pluricultural de la Baja Edad Media*. Granada, 2004.

GOMÉZ, José Tebar. "Escrivim per nostra letra suplican la excel·lència de vós". Diplomacia municipal y relaciones epistolares en el invierno del Trescientos: la ciudad de Valencia y sus relaciones con Martín I (1398-1400). *Medievalia*, 55:1, 2023, p. 121-146.

HOLMES, Catherine; STANDEN, Naomi. Defining the Global Middle Ages. *Medieval Worlds*, 2015, p. 106-117.

MCVAUGH, Michael R. *Medicine before the plague: practitioners and their patients in the Crown of Aragon (1285-1345)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

MATILLA, E. Rodríguez-Picavea. *La Corona de Aragón em la Edad Media*. Madrid: AKAL, 2006.

MONTALVO, J. H. *Jaime II y el esplendor de la Corona de Aragón*. San Sebastián: Nerea, 2006.

RAJ, Kapil. Beyond Poscolonialism... and Postpositivism. Circulation and the Global History of Science. *Isis*, v. 104, 2013, p. 337-347.

REBOIRAS, Fernando Domínguez. A Espanha medieval, fronteira da Cristandade. Trad. Jean. Lauand. *International Studies on Law and Education* 12, 2012, p. 57-68.

ROMANO, David. Courtisans: juifs dans la couronne d'Aragon. *Cahiers de la Méditerranée*, 2020, p. 1-10.

ROMANO, David. Les juifs de la Couronne d'Aragon avant 1391. *Revue des Études Juives*, Paris, v. 141, 1982, p. 169-182.

ROMANO, David. Judíos hispánicos: coexistencia, tolerância, marginación (1391-1492). De los alborotos a la expulsión. *Actas III Jornadas Hispano-Portuguesas de Historia Medieval*, 1997, p. 25-49.

SABATÉ, Florel. Les juifs au Moyen-âge. Les sources catalanes concernant l'ordre et le désordre. 2006, p. 91-136.

SHATZMILLER, Joseph. *Jews, medicine and medieval society*. Los Angeles: University of California Press, 1994.

SOUSA, Cleusa Teixeira de. *Entre o desterro dos judeus e o fechamento dos portos portugueses no reinado de D. Manuel I (1495 - 1521): os caminhos trilhados pelos cristãos-novos após o édito*. 2018. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

SOUSA, Cleusa Teixeira de. *Os judeus nos reinados de D. Dinis e D. Afonso IV: uma análise da legislação portuguesa, nos séculos XIII e XIV*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

TATSCH, Flavia Galli. Mobilidades, conexões, novos contornos. A circulação de artefatos em marfim nos séculos X-XII. *Revista história*, n. 179, 2020, p. 1-33.